

Veículo: *Valor Econômico*

Data: 9/2/2012

Autor: Humberto Saccomandi

Prepare-se, a China está mudando de marcha

Para onde vai a China? É o que todos querem saber, já que o atual ciclo de crescimento do Brasil e da América do Sul está fortemente ligado à economia chinesa. Para dois importantes especialistas ocidentais em China, o país entrou numa fase de expansão menor, mas não há motivo de preocupação, pois o impacto chinês continuará a crescer. Mas há riscos outros para os emergentes.

O britânico Arthur Kroeber é diretor-gerente da consultoria GKDragonomics. O francês Louis-Vincent Gave é CEO da consultoria GaveKal, à qual a Dragonomics é ligada. Ambos têm mais de uma década de análise econômica da China. Eles participaram em São Paulo, na semana passada, de seminário do Conselho Empresarial Brasil-China e do Instituto Fernando Henrique Cardoso.

"A China passou de uma economia de crescimento rápido para ser uma grande economia, e mesmo um crescimento menor tem impacto enorme numa grande economia", disse Kroeber.

Eles estima que o PIB chinês vai crescer a uma média de 7% a 7,5% até 2020, um terço abaixo da média de 10,7% registrada no período 2003-11. "É uma forte desaceleração, mas isso não é o mais importante. Dez anos atrás, a China era uma economia de US\$ 1 trilhão. Hoje, é uma economia de US\$ 7 trilhões. Um crescimento de 7% hoje tem um impacto cinco vezes maior do que um crescimento de 10% dez anos atrás", afirmou.

A principal questão na China é para onde vai a abertura financeira

Pelas suas projeções, entre 2012 e 2020, esse crescimento menor da China vai agregar US\$ 26,5 trilhões à economia global (veja gráfico), com forte impacto na demanda. Só o incremento do PIB em 2020 (em US\$) será maior do que todo o PIB chinês de 2009.

Mas tanto Kroeber como Gale sugerem que a composição do crescimento chinês vai mudar nesta década, o que pode ter impacto para os países que fornecem recursos à China.

"Mais da metade da expansão chinesa vinha do investimento. Isso deve cair muito nesta década", disse Kroeber. Pare ele, o nível de investimento promovido por Pequim após a crise de 2008, para manter a economia chinesa aquecida, "é insustentável".

Um exemplo é o setor de construção residencial, que deve atingir o seu pico daqui a dois anos, segundo as projeções da Dragonomics. "Isso não significa que a demanda do setor vai cair depois disso, mas deve ficar num mesmo patamar por uns 20 anos", prevê Kroeber.

Isso tem efeito importante para os exportadores de metais, por exemplo, já que o setor de construção absorve a maior parte da demanda por aço da China.

"Para países como o Brasil, que se beneficiam muito da demanda chinesa, há perigo, pois a demanda por matérias-primas vai parar de crescer, ainda que mantendo-se num nível muito alto", disse. Isso implica que essa demanda poderá não mais puxar o crescimento nesses países.

No caso de alimentos, porém, a demanda ainda está longe de atingir o pico. "Os metais terão o pico da demanda nos próximos 5 a 10 anos. Mas, em relação a alimentos, será completamente diferente. Pessoas mais ricas demandam mais carne. E a China tem limitações para plantar e criar. A história da importação de comida [pela China] está só começando possivelmente."

Kroeber alerta, porém, que isso embute um risco. "Quando a China começou a comprar ferro, o preço quadruplicou. A China ainda não é um grande importador de trigo, mas, se começar a importar, os preços vão subir, e isso pode não ser muito bom para o mundo."

Ao contrário do economista Jim Walker, da Asianomics, que em entrevista ao Valor ontem previu um pouso forçado da economia chinesa (com queda do PIB), Kroeber e Gave se dizem otimistas. "Não há evidências de crash na China. O país se parece com o Japão dos anos 60, que tinha 20 anos de crescimento pela frente", disse Kroeber.

Ele não crê que haja uma bolha imobiliária, mas a "revalorização de preços socialistas para preços de mercado". Também não acha que a moeda chinesa esteja subvalorizada, como acusam alguns parceiros comerciais, como EUA e Brasil. "A tendência do governo é deixar [a moeda] um pouco abaixo do valor de mercado, mas não muito. Espero valorização de 3% neste ano."

"A principal questão em relação à China não é se o país vai crescer 7,5 ou 8% neste ano, mas para onde vai a liberalização monetária", destacou Gave.

Kroeber diz que, após as duas primeiras etapas de crescimento chinês (mobilização de trabalho e de terras para construção), a terceira fase é da mobilização de capital financeiro, "que hoje não é precificado corretamente" (os juros são baixos demais) e "não é alocado corretamente" (muitos investimentos têm motivação política). "O preço do dinheiro terá de subir, com juros maiores, e a alocação precisa melhorar, indo mais para o setor privado."

"O histórico de liberalização financeira foi decepcionante nos últimos cinco anos. Mas isso está mudando", diz Kroeber, citando o recém-criado mercado de títulos chineses em Hong Kong.

"Quando eles [chineses] cedem controle, tomam o cuidado de manter controle de coisas estratégicas. Eles não querem ceder o controle do setor financeiro, mas a questão é que, se eles não cederem no setor financeiro, podem não ter o crescimento de que precisam."

Gave lembra que o total de depósitos bancários na China que têm rendimento negativo iguala os PIBs somados de Brasil, Rússia e China. Isso deve mudar.